

O caso Messi: lições de economia e gestão

Gostava de ter escrito este artigo daqui a alguns anos, quando Messi deixasse o Barcelona pela porta grande para ir ao Newell's, a equipa onde ele sempre disse que gostaria de jogar nos últimos anos da sua carreira. No entanto, devido aos acontecimentos mais recentes, decidi não esperar. Nestas linhas, não lhe quero agradecer os momentos de felicidade que deu aos adeptos do Barça e a muitos amantes do futebol, porque ficaria aquém. Nem escrevo para pedir para que fique. Muito simplesmente apenas achei que valia a pena destacar algumas lições de economia e gestão que podem ser tiradas deste episódio e em relação ao ponto a que chegámos.

A primeira lição é que Messi nos lembra a importância que todos devem ter a oportunidade de desenvolver o seu talento e paixão. Messi teve a sua oportunidade, apesar das suas origens humildes e de ter um problema hormonal que dificultava o seu crescimento. Com certeza que ele teve sorte de este problema ter surgido quando já se estava a formar como jogador num clube que já tinha apostado por ele e com capacidade para financiar o seu tratamento. Anos antes, ele não teria encontrado provavelmente ninguém disposto a fazê-lo e nem sequer se teria tornado um jogador profissional de futebol. Também teve a sorte da sua paixão ser o futebol, um desporto que pode ser praticado sem a necessidade de um grande investimento de recursos. Não é de admirar que muitos dos melhores jogadores de futebol do mundo venham de origens humildes.

O que devemos questionar é quantos físicos, médicos, engenheiros e matemáticos ao nível do Messi estamos a perder porque muitas crianças não têm oportunidades suficientes para descobrir a sua paixão e revelar o seu talento. Isto acontece em países desenvolvidos, mas ainda mais em países em vias de desenvolvimento. Desconfio que uma quantidade monumental de talento está a ser desperdiçada: existem muito mais Bolas de Ouro de origem humilde do que prémios Nobel.

Messi também ilustra a importância do esforço, dos valores que rodeiam a ética do trabalho. É provável que parte do seu sucesso seja explicado por condições físicas inatas para jogar futebol, mas essas condições não devem certamente ser muito diferentes das de centenas de milhares de pessoas no mundo inteiro. A diferença mais importante está no trabalho, nos sacrifícios que o jogador fez ao longo dos anos. Foi a sua perseverança, disciplina, desejo de superação e vontade de competir que fez a diferença. Parece que Messi não era um grande marcador de livres, mas praticou para melhorar a sua técnica e tornar-se num dos melhores executantes do mundo. É um jogador que odeia perder ou sentir que a equipa não competiu. Tudo isto o levou ao topo... e com certeza também a querer sair de um clube onde sente que não pode mais dar o melhor de si e vencer. Messi faz-nos lembrar como é essencial inculcar desde pequenos o que se denomina de *soft skills* na escola e na família. Certamente que alguém fez um ótimo trabalho com ele.

Finalmente, a sua trajetória e o ponto em que estamos destacam a importância da equipa. Messi sozinho não teria conseguido vencer de forma consistente. Michael Jordan disse: «O talento ganha jogos; o trabalho em equipa e a inteligência, campeonatos». Para ganhar campeonatos, uma estrela tem que estar rodeada de uma grande equipa e de um bom treinador, alguém que prepare os jogadores tática, física e mentalmente. Também é necessária uma planificação metódica ao nível do clube porque as equipas precisam de se renovar para manter a excelência e a força competitiva suficiente, uma tarefa complexa visto ser difícil explicar as mudanças numa equipa vencedora. O mesmo acontece no mundo dos negócios: quando uma grande empresa deixa de inovar porque resiste a canibalizar-se a si mesma, então pode já começar a escrever o epitáfio da sua brilhante carreira.

Quem diria que, para além de futebol, Messi nos daria lições de economia e de *management*? Obrigado por tudo, Leo.